



## OS ESTEREÓTIPOS E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO CABOCLO: UMA LEITURA PÓS-COLONIAL EM “HISTÓRIAS DE SUBMUNDO” (1960), ARTHUR ENGRÁCIO

### THE STEREOTYPES AND THE CONSTRUCTION THE IDENTITY THE CABOCLO: A POST-COLONIAL READ IN "HISTÓRIAS DE SUBMUNDO" (1960), ARTHUR ENGRÁCIO

**Carlos Eduardo Parente de Souza**

Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

E-mail: cadusouza18@hotmail.com

**Daniela Mendonça da Silva**

Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

E-mail: dany33\_mend@hotmail.com

**Nádia Nelziza Lovera de Florentino**

Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho (UNESP)

E-mail: nadianelziza@unir.br

#### Resumo

Analisa-se a coletânea de contos *Histórias de submundo* (1960) de Arthur Engrácio à luz da teoria pós-colonial, com foco na teoria de formação do sujeito. O enredo mostra as condições subalternas que eram impostas aos sujeitos seringueiros (caboclos), bem como os estereótipos que se construíam em torno deles nas florestas. O resultado de tudo isso será refletido na construção de identidades fragmentadas e estereotipadas, não só do sujeito que sofreu nas mãos dos coronéis e, também, de toda uma geração posterior à dele. Para esta análise utilizamos autores tais como: Ashcroft et. al(2000), Bhabha (1998), Loomba (1998), Ngugi (1995) os estudos de Souza e Nenevé (2006) entre outros. Para definirmos as identidades estereotipadas dos sujeitos, analisamos brevemente a formação dessa pela ideologia, linguagem e discurso. Verificou-se que os personagens da coletânea eram reduzidos, massacrados por sua condição interiorana, o que os levou muitas vezes a usar da violência física para ter seus direitos atendidos, o que foi de fundamental importância para o conceito de suas identidades.

**Palavras-Chave:** Pós-colonialismo; estereótipos; identidade; *Histórias de submundo*.

#### Abstract

Analysis of the collection of short stories, *Histórias de Submundo* (1960) by Arthur Engracio is provided by post-colonial theory, focusing on the theory of the formation of the subject. The plot tells the subaltern conditions were imposed on the seringueiro (caboclos), as well as the stereotypes that built around them in the forest. The result is the fragmentation of the identity. For this analysis use authors such as: Ashcroft et. (2000), Bhabha (1998), Loomba (1998), Ngugi (1995) Souza and Nenevé (2006) among others. In order define the stereotyped identities, analyze their formation by ideology, language and discourse. It was found that the characters of the short stories were reduced, massacred by their interior condition, which often



led them use physical violence to have their rights taken care of, which was of fundamental importance for the concept of their identities.

**Keywords:** Postcolonialism; Stereotypes; identity; Histórias de submundo.

## Introdução

As primeiras manifestações dos estudos literários pós-coloniais surgem no século XX com a publicação da obra “Orientalismo” de Eduardo Said na década de 70, tematizando a criação do oriente pelo ocidente (NENEVÉ, 2006, p. 156). Atrelando-se a essas obras, o pós-colonialismo passa a refletir igualmente os problemas resultantes da criação dos sujeitos coloniais pelos colonizadores, ou seja, mostra como o centro cria a margem e os problemas deixados com essa criação.

“Entendemos que a colonização ocasionou em prejuízos adversos para a população nativa” (SOUZA, 2016, p.10). Por isso, uma das linhas de estudos pós-coloniais é a literatura, que analisa como a ficção literária representa e/ou reflete os problemas decorridos da colonização. Um dos focos de estudos pós-coloniais são os estereótipos que eram construídos aos nativos e como eles se refletiam na concretude das identidades de tais sujeitos.

Como elemento de estudo literário pós-colonial, a formação do sujeito dá-se de três modos: formação do sujeito pela ideologia, em que o colonizador usa o que crê para mostrar que as credences dos sujeitos pós-coloniais são erradas; formação do sujeito pela linguagem, em que o colonizador usa sua língua para mostrar domínio e nomear o mundo dos sujeitos nativos e a formação do sujeito pelo discurso, em que o colonizador constrói um universo tido como verdadeiro para si e implanta nos sujeitos nativos (ASHCROFT ET. AL. 2000)

Uma representação destas formações de identidades estereotipadas está presente na coletânea de contos *Histórias de submundo* (1960), de Arthur Engrácio. A narrativa constrói um cenário representativo desta teoria nos personagens caboclos (Seringueiros). Sujeitos que na maioria das vezes eram nordestinos fugindo da seca e miséria em suas regiões. Chegando aos seringais eram igualados aos outros trabalhadores locais, sendo marginalizados por suas raízes rotuladas como inferiores.



O objetivo deste artigo é mostrar a influência dos estereótipos para a construção das identidades do caboclo amazônida na coletânea de contos *Histórias de submundo* (1960), de Arthur Engrácio com foco em alguns personagens da obra. Este artigo terá caráter bibliográfico, de cunho qualitativo. A definição de identidades será refletida no contexto pós-colonial, com base em autores como: Ashcroft et. al. (2000), Loomba (1998), Ngugi (1995), entre outros. Após o levantamento teórico da coletânea de contos *Histórias de submundo* (1960) será analisada e dela extraídos trechos para exemplificar como ocorre a formação das identidades. Por falta de tradução disponível em português de algumas obras aqui utilizadas, alguns trechos serão citados no original, em inglês, e sua tradução será feita pelo autor deste trabalho em nota de rodapé.

### **Os estereótipos e a construção da identidade do caboclo**

A formação do sujeito colonizado dá-se com o processo de colonização que não marcou apenas a posse dos territórios pelos colonizadores europeus, mas também, pela “posse” de muitas outras questões, nas quais se encaixa o nativo, ser mais prejudicado, que além de ter suas terras invadidas, teve também parte de sua história e cultura cerceadas.

Ao ter sua terra colonizada, o sujeito passa a ter sua identidade formada ou modificada a uma condição de inferioridade pelo colonizador, o que mostra-o como sendo um ser marginal que deve ser introduzido em uma cultura civilizada, ou seja, a cultura vivida pelo homem europeu. Levando em conta que destruição e reconstrução cultural,

Não é entendido apenas como desmantelamento das instituições do poder colonial, mas também uma busca de alternativas para o discurso da era colonial e para tudo o que oprime, que causa injustiça e gera desigualdades sociais (...)A crítica pós-colonial trabalha em direção a um processo de enunciação do colonialismo oculto, disfarçado, dissimulado e encoberto entre nações que permitem não só a dominação dos sistemas de produção de um país sobre o outro mais também de políticas públicas sobre a vida privada dos indivíduos e sobre os valores comunitários. (NENEVÉ, 2006, p.162-163)

O colonizador buscou nas intentadas coloniais, empregar sua cultura com finalidade de marcar o território do nativo e dominar assim a região, visto que a



perspectiva que se constrói para o nativo é a de um ser inferior, que em nenhum momento deve se sentir no lugar do colonizador, uma vez que o sujeito colonial é considerado, em tudo, diferente do sujeito colonizador: ele é frágil, sem cultura e sem quaisquer indícios de prosperidade.

Neste sentido, o colonizador “Outro” sempre foi considerado hierarquicamente superior, tendo construído para si a imagem do poder, da inteligência, do modelo e seu discurso é construído de modo a seduzir o nativo “outro” e fazê-lo acreditar nestas “verdades”. De acordo com Ashcroft

Este Outro pode ser comparado ao centro imperial, ou ao discurso imperial, ou ao próprio império, de dois modos: primeiramente, provê as condições nas quais o sujeito colonizado obtém a consciência de sua identidade como, de alguma forma, o ‘outro’, dependente; em segundo lugar, ele se torna o polo absoluto de ‘referência’, o arcabouço ideológico no qual o sujeito colonizado pode vir a compreender o mundo. (2000, p.170/1)<sup>1</sup>

Podemos analisar que quando o nativo valoriza o colonizador a ponto de reconhecê-lo como “centro imperial”, cria uma concepção que o desvaloriza, pois com tal título aceito, este se introduz na situação de margem dentro de seu próprio império, ou seja, a colônia. No mais, quando o nativo passa a aceitar os ideais coloniais, ele também acaba se colocando na condição de ser sem ideais, que deve mesmo ser inserido em um ambiente de ideias, e é quando o colonizador se aproveita da situação e cria este ambiente, introduzindo ao nativo sua ideologia, sua linguagem e seu discurso e são esses os meios de se formar o sujeito nativo que será discutido adiante.

A formação do sujeito através de ideologias tem como base a crença de que existem questões ideológicas que formam todo ser humano que ocorrem de forma, muitas vezes, imperceptível, posto que representa um aparato ideológico que nos cerca a todos, compondo nossa vida em sociedade. Ashcroft (2000) discursa que a ideologia é um sistema de ideias que dão sentido ou tentam explicar a sociedade.

Vemos que algumas doutrinas são empregadas em nós e diante de nós e que estas ideias crescem conosco, e paulatinamente se tornam cultura, e acabamos por assimilá-las, posto que são passadas como reais e verdadeiras. Para Althusser:

---

<sup>1</sup>This Other can be compared to the imperial center, imperial discourse, or the empire itself, in two ways: firstly, it provides the terms in which the colonized subject gains a sense of his or her identity as somehow ‘other’, dependent; secondly, it become the ‘absolute pole of address’, the ideological framework in which the colonizer subject may come to understand the world.



Não são as suas condições reais de existência, seu mundo real que os “homens” “se representam” na ideologia, o que é nelas representado é, antes de mais nada, a sua relação com as suas condições reais de existência. É esta relação que está no centro de toda representação ideológica, e, portanto imaginária do mundo real. (ALTHUSSER, 1987, p.85)

Com base neste discurso, vimos que a ideologia é uma questão cultural, que nos é repassada através de todo o aparato social que nos envolve, o saber, a família, a escola, a igreja, etc. Por isso, acabamos por aceitar e assimilar as ideologias de nossos pais e familiares, de nossa sociedade, da igreja a qual frequentamos, seguindo nossos pais. Escapar deste aparato ideológico é algo muito raro, já que crescemos aceitando-o como parte de nossa vida. Althusser afirma que

As evidências como evidências, que não podemos deixar de reconhecer e diante das quais, inevitável e naturalmente, exclamamos (em voz alta, ou no “silêncio da consciência”): “é evidente! É exatamente isso! É verdade!”. É nesta reação que se exerce a função de reconhecimento ideológico [...] (ALTHUSSER, 1987, p.93)

Na teoria pós-colonial, a formação do sujeito pela ideologia é verificada na imposição de ideias do colonizador para o colonizado, sabemos que “A ideologia dominante é sempre imposta às massas contra certas tendências da sua própria cultura, que não é reconhecida nem sancionada” (ALTHUSSER, 1979, p. 44). Na situação colonial, o colonizador impõe suas ideias aos colonizados, que são obrigados a assimilá-las, pois que a elas estão aliados todos os aparatos ideológicos do estado e mostra como o poder de sedução da ideologia fabrica o sujeito na literatura pós-colonial.

E foi exatamente nesta linha ideológica que o sujeito *Outro* impôs sua ideologia ao nativo, dominando-o, mostrando que a sua cultura e também a sua maneira de ver, receber e lidar com o mundo é melhor, e o sujeito colonial, rodeado por um aparato ideológico que não é seu, passou a assimilar esta ideologia, aceitando-se como inferior, crendo-se errado, inculto, pagão, aceitando sua própria marginalização.

No que se refere à formação do sujeito pela linguagem, essa é outra maneira de se formar a identidade na teoria do pós-colonialismo, e tem como base as considerações de Jacques Lacan (1901-1981) que combinou psicanálise com a



análise estruturalista da língua (ASHCROFT, 2000), e para tal combinação, Lacan parte da releitura de textos Freudianos nos quais a formação do sujeito é alvo de discussão teórica. Alves (2006, p. 47) relembra que “Lacan descreve três estágios pelo qual o sujeito passa em sua formação: o Estágio Imaginário, o Estágio de Espelho, o Estágio Simbólico”.

Analisaremos aqui o Estágio Simbólico em que Lacan acredita que a função da língua já é pré-destinada, ou seja, nascemos moldados por uma imposição da linguagem e nós desenvolvemos perpetuando essa imposição. Com base na teoria de Green e LeBihan vemos que “Através da linguagem, o sujeito aprende e interioriza as estruturas da sociedade e, mais especificamente, as diferenças de gênero.”<sup>2</sup>

A linguagem apresenta o sujeito ao universo, pois é através do contato com a língua que o ser terá habilidades para distinguir os significados das coisas existentes no espaço. A estas coisas que existem no espaço são atribuídos nomes, pois como acrescenta Bonnici (2005 p. 36) “A língua não apenas fornece os termos pelos quais a realidade é constituída, mas também a nomenclatura pela qual o mundo é conhecido”.

A língua também é a simbologia nacionalista de determinado local, e os seres que ali habitam são induzidos a mostrar este símbolo por ser uma nação, deste modo, “Falar uma língua é assumir um mundo, uma cultura.” (FANON, 2008 p. 36). Por isso, ninguém pode optar por trocar de linguagem assim como pode optar por trocar de religião, ou até mesmo ideologia, a questão da linguagem é una, você não muda sua linguagem para outra, você incorpora uma nova linguagem, porém sem jamais esquecer ou desaprender sua língua mãe.

Em se tratando da linguagem e especificamente de recriá-la, este processo foi usado no período da colonização para impor novas formas de se nomear o mundo do sujeito colonizado de acordo com as perspectivas do sujeito colonizador, pois o objetivo deste ser europeu ao transmitir sua linguagem não era ensinar uma nova língua, e sim marcar novos territórios conquistados. (ASHCROFT ET.AL, 2000).

Por outro lado, ao mesmo tempo em que os sujeitos coloniais foram habilitados a reproduzir a linguagem do sujeito colonizador com propósito de marcar território,

---

<sup>2</sup>[Through language, the subject learns and internalizes the structures of society, and, and, more specifically, the differences of gender.] (1997, p.169 ).





esta mesma linguagem ensinada pelo europeu pode ser usada de maneira subversiva. Um exemplo claro de subversão da linguagem ocorre na obra 'A tempestade', de William Shakespeare quando Calibã repudia a maneira como era tratado por Próspero e usa a linguagem inglesa, a ele imputada, para xingar seu colonizador. Trazendo essa interpretação para a modernidade, Ngugi mostra que

Em minha visão a linguagem era o mais importante veículo pelo qual o poder fascinou e capturou a alma do prisioneiro. A bala foi o meio da subjugação física. A linguagem foi o meio da subjugação espiritual. (NGUGI, 1995, p. 287).<sup>3</sup>

Deste modo, Ngugi mostra que a linguagem empregada pelo colonizador extingue todo aparato social existente em uma comunidade, visto que para ele a língua é um dos atributos essenciais de se representar uma cultura. Para o queniano, não existe elemento capaz de descrever tão bem uma sociedade quanto à língua nativa, e quando esta linguagem sofre influência de outra, seus aspectos tornam-se desconhecidos e passam a ser apresentados de maneira fragmentada.

No que se refere à formação do sujeito pelo discurso, essa é uma das teorias de formação do ser que mais explicita a imposição da cultura colonial aos colonizados, pois esta teoria é essencialmente a fusão da ideologia e da linguagem como arma de combate e resistência aos sujeitos colonizados, tendo como base as considerações Foucaultianas em que o sujeito pode ser moldado a partir do discurso. Segundo Ashcroft (2000, p.70), o discurso de Michel Foucault (1926-1984) “[...] is a strongly bounded area of social knowledge.[...] É uma área fortemente ligada ao conhecimento social.”

Com base nas considerações de Ashcroft, vale ressaltar que o discurso se atrela aos aspectos históricos, culturais, políticos, ideológicos e sociais, sendo desta maneira mais abrangente que a construção do sujeito pela linguagem na concepção psicanalítica e mais amplo que a concepção de Althusser na qual a ideologia é quem produz o sujeito.

Assim, o discurso na concepção foucaultiana está diretamente relacionado ao poder. De acordo com Ashcroft

---

<sup>3</sup>[In my view language was the most important vehicle through which that power fascinated and held the soul prisoner. The bullet was the means of the physical subjugation. Language was the means of the spiritual subjugation.

A este respeito, o discurso é tanto mais amplo e variado do que a ideologia ou a linguagem, diferentes sujeitos sendo produzidos por diferentes discursos, mas o processo pelo qual o sujeito é produzido é o mesmo. Um exemplo da abordagem que Foucault faz da subjetividade foi a sua rejeição do autor como um criador de significados.<sup>4</sup>

Em relação à teoria pós-colonial, o discurso atrelado à formação do sujeito e da subjetividade foi iniciado por Edward Said (1935-2003) na obra intitulada “Orientalismo” que de acordo com Loomba:

[...] usa a concepção do discurso para reordenar os estudos do colonialismo. Ele examina como o estudo formal do ‘Oriente’ (ao qual hoje nos referimos como Oriente Médio), junto com os principais textos literários e culturais, consolidaram certas formas de ver e pensar, o que, em contrapartida, contribuiu para o funcionamento do poder colonial.<sup>5</sup>

Assim, podemos verificar que a perspectiva criada por Said a respeito do poder colonial baseava-se na medida em que adquiria informação sobre o ‘Oriente’, e com essas informações criava-se o diferente, ou seja, o não ocidental, com local e cultura abaixo da sociedade “europeia” ocidental, concretizando as intenções já presentes no discurso europeu que se beneficiava da ideia do *Outro* como ocidente e acrescentava a ideia do *outro* como oriente.

Essa iniciativa de Said serve como referência para que se mostre o binarismo existente nos estudos pós-coloniais entre “*Outro*” que tinha poder sobre a colônia, e o *outro*, que era inferiorizado dentro de sua própria terra. Para Ashcroft (2000, p. 24-5) o binarismo na teoria pós-colonial é

Uma distinção simples entre centro/margem; colonizador/colonizado; metrópole/império; civilizado/primitivo representa muito eficientemente a hierarquia violenta na qual o imperialismo é baseado e o qual perpetua ativamente. Oposições binárias são estruturalmente relacionadas, e no discurso colonial pode haver um espaço dentro do subjacente binarismo -

---

<sup>4</sup>[In this respect, discourse is both wider and more varied than either ideology or language, different subjects being produced by different discourse, but the processes by which the subject is produced is the same. An example of Foucault’s approach to subjectivity was his rejection of the author as an originator of meaning.] (2000, p 224)

<sup>5</sup>[...] uses the concept of discourse to re-order the study of colonialism. It examines how the formal study of the ‘Orient’ (what is today referred to as the Middle East), along with key literary and cultural texts, consolidated certain ways of seeing and thinking which in turn contributed to the functioning of colonial power] (1998, p.43)





colonizador/colonizado - que se pode ser restabelecido em qualquer texto, de vários modos [...].<sup>6</sup>

Assim, Ashcroft deixa explícita a imposição do discurso colonial, e seu modo europeu e superior de construir a imagem do *outro* visto que quando dominada pelo discurso sedutor do colonizador europeu, a sociedade do sujeito colonizado, passa a ser moldado por uma coletividade que o via como inferior e, esta sociedade dominada passa a se aceitar como uma sociedade reduzida, pois o propósito do *Outro* era impor a sua ideologia nos sujeitos coloniais e mostrar através do discurso difamador seu poder de dominar construindo para os sujeitos nativos uma imagem não civilizada.

A consequência desse domínio pelo discurso do colonizador europeu resultou na concretização de uma sociedade colonizada que teve de aceitar a fragmentação de sua identidade e sustentar estereótipos, pois como mostra Figueiredo: “Mistificado pelo discurso do outro, confrontado a uma imagem negativa de si próprio, constantemente imposta pelas instituições e pelo contato com os colonizadores, o colonizado não sabe mais o que ele é.” (1998, p. 66):

Outro fator que merece destaque na teoria de formação do sujeito pelo discurso sedutor da elite europeia, diz respeito ao próprio colonizador europeu que, aderindo ao processo da *diáspora* tencionando riqueza, acaba sendo introduzido na elite colonial que lhe atribui à ambivalência da identificação paranoica, ou seja, transforma-se em sujeito europeu encarregado de dominar o sujeito colonial, deixando para segundo plano as acepções de tornar-se rico, sendo desta maneira, usado pelo discurso do ser colonial tido como superior. Para Bhabha (1998):

Ao negar a condição culturalmente diferenciada do mundo colonial - ao ordenar “Vire branco ou desapareça” – o colonizador fica também preso na ambivalência da identificação paranoica, alterando entre fantasias de megalomania e perseguição. (Bhabha, 1998, p.99).

Portanto, é em meio aos problemas de identidade que a teoria pós-colonial se atrela tencionando mostrar a construção de identidades estereotipadas, pois através

---

<sup>6</sup>[...] A simple distinction between Center/margin; colonizer/colonized; metropolis/empire; civilized/primitive; represents very efficiently the violent hierarchy on which imperialism is based and which it actively perpetuates. Binary oppositions are structurally related to one another, and in colonial discourse there may be a variation of the one underlying binary-colonizer/colonized – that becomes rearticulated in any particular text in a number of ways [...].

da linguagem, da ideologia e do discurso colonial as ideias do sujeito colonial se concretizam, pois o colonizado assimila a cultura do colonizador e na difícil tarefa de ser um ser civilizado, deseja ter as mesmas ideologias que este *Outro* tem, e para isso, incorpora a cultura colonizadora e paulatinamente renega a sua, concretizando a ideia do colonizador de cultura superior e ser que constrói o *outro*.

### **Análise dos estereótipos e a construção da identidade do caboclo em “histórias de submundo” (1960), de Arthur Engrácio**

Por levar em consideração os estereótipos como sendo uma marcação degenerada, analisaremos a identidade cabocla da seguinte maneira: Da coletânea de contos “*História de submundo*” foi analisado o conto “*A revolta.*” A narrativa se passa em um seringal, tendo como cenário a floresta amazônica e a precária condição de vida que levavam os seringueiros nesta região. O enredo é fortemente marcado por cenas de violência. Na obra, a ideologia de violência é transmitida para a comunidade ribeirinha pelo seringueiro Manduca que tinha como espécie de assessor Chico Pantoja.

Ambos tinham o mesmo ideal, enfrentar as imposições coronelísticas, sendo brutalmente repreendidos por seus atos. No decorrer da narrativa podemos nos deparar com construções de identidades respaldadas em adjetivos degradantes, os chamados estereótipos, o primeiro deles é empregado pelo discurso do caboclo. Outra maneira em que a identidade do ribeirinho foi rotulada é pela violência física.

Em relação aos estereótipos empregados para definir as identidades dos ribeirinhos pela violência, podemos analisar que, nesta forma, o sujeito reprimido parte de ideologias relacionadas às questões hegemônicas para convencer seus companheiros a lutarem por melhorias sociais, como fez o seringueiro Chico Pantoja, quando resolveu pôr em ação o plano de rebelar-se contra as ações do coronel:

A reunião teria sido feita por ordem de Chico Pantoja, com o fim de estudarem os últimos detalhes do plano terrível que iriam pôr em execução daí a alguns instantes.[...] Bem, falou Chico Pantoja, todos sabem já o que devem fazer. É segurar o cabra com sustança. (ENGRÁCIO, 1960, p 32).

Desta maneira, podemos analisar que o contra-ataque por parte dos seringueiros não vem do acaso, pois é uma intenção de terem seus direitos de

cidadãos respeitados, além disso, é um poderoso elemento de combate ao poder do homem superior “o seringalista” que marginaliza os sujeitos seringueiros ribeirinhos, pois quando utiliza da força física como meio de solucionar suas angústias, o ser pode até conseguir conquistar seus objetivos, no entanto, deve ter consciência de seus atos e as marcações estereotipadas que se constroem em torno dele.

Outra marcação que se pode configurar como construção de identidades estereotipadas está no uso da fala. O discurso abrange outras situações como a emoção, e esse aspecto não só caracteriza o sujeito como fraco, bem como, o rotulará como sendo rude e revoltado como faz Manduca, ao narrar os atos de crueldade do coronel Euzébio:

Ele mesmo Manduca, já havia sido vítima muitas ocasiões, das suas crueldades. Estava ainda lembrando da vez em que Marcelina adoecera gravemente com um tumor nas costas, e fora obrigado a ir à loja dele comprar um medicamento. Juntaram o produto que tinham em casa, um bloco de balata, uma pele de borracha, um couro de caititu, e para lá se dirigira. Na conta que fizera tudo que levava daria para comprar o remédio e ainda lhe proporcionaria um saldo. Porém, qual não fora o seu espanto quando ouviu da boca do coronel que o seu produto daria apenas para a lata de pomada. (ENGRÁCIO, 1960 p. 34).

O convívio social atrelado ao sentimento de injustiça faz com que os sujeitos de uma classe marginalizada passem a sofrerem uma pressão psicológica mais intensa com os relatos de exploração narrados por seus companheiros. Para Ashcroft et al., (1989, p. 172) “Tal reciprocidade permite relações mútuas entre o ser e o Outro, na qual ambos podem de boa vontade, em vários momentos, ser objeto para o Outro”.<sup>7</sup>

A consequência será resultada em conflitos ainda mais intensos e identidades pejorativas, pois o discurso do outro torna-se mais ofensivo aos Outros, devido perceber a voz do caboclo soar tão alta quanto a sua, e foi o que fez Manduca quando chegou em casa e protestou contra as atitudes do Coronel Euzébio:

[...]. Ao chegar à casa, indo fazer o curativo em Marcelina, verificou que a pomada não possuía nenhuma qualidade terapêutica, e além do mais estava deteriorada, num átimo rumou para loja do Coronel.  
-Coronel, foi dizendo, esta pomada que vosmicê me vendeu não vale dez réis quanto mais a importância estúpida que me cobrou. Vosmicê ta me roubando desgraçadamente, coronel; Vosmicê é um ladrão, um pati. (ENGRÁCIO, 1960, p.34).

---

<sup>7</sup>Such a reciprocity allows mutual relations between self and Other in which both may at various times willingly function as objects for the Other.

Podemos analisar que as palavras proferidas pelos caboclos tidos como inferiores é o marco para ser utilizada a violência como forma de defesa aos desafios dos seringueiros, pois ao ofender seu superior, o explorado acaba de alguma forma sendo mais forte e, o explorador não aceitando perder o respeito utiliza a violência para despontar estatuo, este sabe que não só obterá vantagens, como também, manifestará aos demais sujeitos explorados quem manda no lugar, como faz o coronel Euzébio ao sentir-se desafiado por Manduca.

Não terminou a palavra. Dois cabras, a um sinal do coronel, saíram de uma porta dos fundos [...]. Não demorou muito para o coronel aparecer. Vinha sorridente e trazia entre os dedos um charuto fumegante.

-Então caboco filho da puta, tu quiseste me desacatar, hem? Sabes por acaso o que acontece com quem ousa desrespeitar o coronel Euzébio? Verás já. E levantaram-se bruscamente, disse aos seus capangas que podiam começar. Uma chibatada caiu em cheio na costa de Manduca, que não pode reprimir um grito de desespero. Outras mais sucederam essas, até quando da sua glote não saia senão um fraco vagido. Aí, com uma navalha, raspavam-lhe os cabelos da perna, do sexo, indo terminar na cabeça, que ficou alva que nem uma bola de bilhar. (ENGRÁCIO, 1960, p. 34).

O fragmento acima é um exemplo claro do que seria a construção de identidades estereotipadas como violenta para o ribeirinho. Este não pode reclamar seus direitos que sofre com as consequências, sobretudo, físicas, o que não só serve para alimentar sua apresentação de violento, como também, sustentará sua condição de revolta. “Manduca jamais se esquecera disso. Vivesse ele cem anos, e a barbaridade que fora vítima haveria de persegui-lo como um fantasma diabólico” (ENGRÁCIO, 1960, p.35)

Os fatores explicitados mostram que, para o seringueiro marginalizado, a mágoa é uma herança que ele carrega, por deixar marcas expostas, assim, o seringueiro se apoiará nessas lembranças não somente tencionando solucionar um problema pessoal, mas sim, com propósito de organizar a estrutura da própria comunidade na qual atua, como mostram as ações dos seringueiros momentos antes de invadirem o barracão para capturarem o coronel Euzébio:

Agora riam e bebiam, antegozando a hora em que poriam a mão no cachaço gordo do coronel Euzébio, homem mau, senhor de baração e cutelo que de a muito lhes vinha perseguindo, roubando-lhes, as criações, os momentos de sossego, a paz enfim. A ponta dos seus punhais iria sentir a volúpia de furar as carnes muito branca e balofas do patrão déspota [...]. Caboclo iria deixar de apanhar de palmatória, suas mulheres seriam respeitadas, suas filhas e irmãs não mais se prostituíam na cozinha dele. Seria aquela a sua noite de

vingança e de liberdade. Por isso que bebiam e cantavam àquela hora avançada. (ENGRÁCIO, 1960, p. 32).

Ainda, reconhece o seringueiro que, movido pelo sentimento de ódio qualquer pedaço de pau se iguala a uma arma de fogo, pois a coragem e a disposição em combater as ordens impostas pelo coronel, ao mesmo tempo em que fortalecia o seringueiro, fragiliza as ações do coronel, pois como ser poderoso que utilizava da violência para punir os mais fracos, nunca poderia imaginar que seres tão passivos e oprimidos utilizariam da mesma arma “violência”:

O barracão se encontrava uns trinta metros, [...]. Lá dentro, inteiramente alheio ao que se conjurava contra ele, o coronel dormia a sono solto. [...]. Longe se encontrava de imaginar que aquele “caboclo pé de bicho” tivessem coragem para armar um ataque. [...]. Por isso não passava pela cabeça nem de leve, a possibilidade de uma vingança por parte daqueles homens [...]. Talvez que mudasse agora de ideia se pudesse perceber as manobras dos revoltosos, que começa fazer o cerco. (ENGRÁCIO, 1960, p. 36/7).

Em relação à questão de fazer o cerco, quando o seringueiro utiliza essa tática, é porque este tenciona certamente capturar uma presa e, essa seria o coronel. Outra questão também a ser imposta era que, utilizando a tática os seringueiros rebaixavam o coronel a ponto de ser comparado a um animal, uma vez que “tática” nos remete a questão da caça, e é esse o destino do coronel:

Súbito, um tiro ecoou na calada da noite, indo atingir em cheio o barracão [...]. Tochas eram lançadas, e as chamas em pouco tempo dominavam o alvo, formando uma fogueira colossal.  
Nesse ínterim, um vulto saiu coxeando rumo aos fundos do terreiro. Era o coronel: [...]  
-Ali vai um. Não deixe ele fugir, gritou Chico Pantoja. [...].  
-Não me matem pelo amor de Deus, foi dizendo ao avistar o bando furioso, as mãos unidas em gestos de súplica.  
-Não me matem em desgraçados!!! [...] Falou Chico Pantoja ao mesmo tempo em que chutou violentamente o rosto.  
-Faca nele, cabras arrematou. (ENGRÁCIO, 1960, p. 37).

Pode-se perceber que Engrácio faz uma reflexão sobre as motivações que constroem identidades estereotipadas para os ribeirinhos, sabemos que em seu contexto histórico social, muitas imagens foram construídas e desconstruídas, sendo, muitas vezes a violência a causa e representação de todas as lutas, o que fez com que tais sujeitos marginais tivessem suas identidades conceituadas por esta marcação.



## Considerações finais

Neste trabalho, tornou-se possível analisar a formação de identidades estereotipadas no contexto Pós-colonial no conto *A revolta* (1960), de Arthur Engrácio. Objetivou-se mostrar o porquê de esta formação, suas causas e consequências. Para a concretude deste artigo, descreveu-se o funcionamento da formação e fragmentação de identidade a contar: ideologia, linguagem e discurso.

Com base na análise levantada, chegou-se a entender que os caboclos seringueiros foram rotulados por suas condições de sujeitos submissos às ações dos coronéis. Manduca lutava para ter seus direitos reconhecidos e, na difícil missão acabava saindo sempre no prejuízo por conta de suas atitudes. Porém, como era condição deste enfrentar o coronel para ter sua dignidade concretizada, acabava sofrendo sérios prejuízos físicos e sociais, os quais se destacavam os estereótipos a ele empregados.

No que se refere aos adjetivos negativos pelos quais os seringueiros eram reconhecidos, destacamos que as características de uma pessoa se estendiam para todos da comunidade de modo geral, ou seja, a única diferença existente dentro dos territórios liderados por coronéis era a de ser coronel ou empregado, por isso, a característica de uma pessoa era suficiente para conceituar a todos de sua comunidade.

Os estudos sobre a formação do sujeito na literatura pós-colonial possuem muitas possibilidades de análise, sendo que a obra aqui analisada mostra um exemplo claro da teoria de formação de identidade com a análise do personagem Manduca. Além da possibilidade do mesmo tipo de análise nos demais personagens da obra. Ainda, diversas outras teorias podem ser desenvolvidas como: o feminismo, analisando as personagens femininas na obra, já que algumas seguem o modo submisso de vida de mulher interiorana e outras fogem disso, o herói moderno no personagem Manduca, entre outras.

## Referências

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos Ideológicos de Estado**. 3ª edição. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1987.





- ALTHUSSER, Louis. **Filosofia e filosofia espontânea dos cientistas**. Lisboa: Editorial Presença, 1979.
- ALVES, Elis Regina Fernandes; BONNICI, Thomas; **Estratégias de outremização em The Narrative of Jacobus Coetzee**. Acta Scientiarum- Humanand Social Sciences V. 27, n. 1, p. 7-14, 2005.
- ASHCROFT, Bill; GRIFFITHS, Gareth; TIFFIN, Helen; **Key Concepts in Post-Colonial studies**. London: Routledge, 2000.
- BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Trad. Myriam Ávila; Eliana Lourenço de Lima Reis; Glaucia Renata Goncalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- BONNICI, Thomas; **Conceitos chave da teoria pós-colonial**. Maringá: Eduem, 2005.
- ENGRÁCIO, Artur **“Histórias de submundo”** 1960 Manaus: Editora Valer, 2ª ed. 2005.
- FIGUEIREDO, E. Frantz Fanon e a psicopatologia do negro. In: **Construções de identidades pós-coloniais na literatura antilhana**. Niterói: Eduff, 1998. p. 63-74
- FANON, Frantz. **“O negro e a linguagem”**. In: **Pele Negra, Máscaras Brancas**. (Trad. Renato da Silveira). Salvador: EDUFBA, 2008
- GREEN, K; LEBIHAN, J. **Critical Theory and Practice: a Course Book**. London: Routledge, 1997.
- LOOMBA, Ania. **Colonialism/ Post colonialism**. London: Routledge, 1998.
- NENEVÉ, Miguel. **Uma visão geral sobre a teoria do pós-colonialismo e sua contribuição para os estudos em educação**. Revista Intertexto, Porto velho, Ano III, n. 3, jul. 2006. p.155- 168. Disponível em: <<https://goo.gl/g9N2jK>>. Pdf .Acesso em: 01 de junho 2016.
- NGUGI, WA THIONGO; **The Language of African Literature**. In: ASHCROFT, B.; GRIFFITHS, G.; and TIFFIN, H. **The Post-colonial studies reader**. London: Routledge, 1995. p. 285-290.
- SOUZA, C.E.P. **“A representação da diáspora e a formação do sujeito em “O xará” (2003)**, de JhumpaLahiri/ Carlos Eduardo Parente de Souza. Orientador: Miguel Nenevé. Porto Velho, 2016